

Jenn Bennett



Anatomia
de um
Colacaõ

TRADUÇÃO Flávia Souto Maior

PLATA
FORMA 21

TÍTULO ORIGINAL *The Anatomical Shape of a Heart*

© 2015 by Jenn Bennett. Publicado originalmente por Feiweil & Friends.

Direitos de tradução geridos por Taryn Fagerness Agency e

Sandra Bruna Agência Literária, SL. Todos os direitos reservados.

© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Thaise Costa Macêdo

PREPARAÇÃO Luciana Araújo

REVISÃO Vanessa Gonçalves

DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO Ana Solt

ARTE DE CAPA Carlos Siqueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bennet, Jenn

A anatomia de um coração / Jenn Bennet ; tradução Flávia Souto

Maior. – São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2016.

Título original: *The anatomical shape of a heart*.

ISBN 978-85-507-0028-1

1. Ficção juvenil I. Título.

16-04040

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

1

O ÚLTIMO TRÓLEBUS NÃO VIRIA. Já era quase meia-noite e, há praticamente uma hora, eu segurava meu portfólio de arte e o que restava do meu orgulho no ponto de ônibus do hospital universitário, com um monte de estudantes do curso preparatório de medicina, uma senhora chinesa que empunhava o guarda-chuva como uma arma, um mendigo conversador chamado Will (que vivia no estacionamento do hospital), e um fanático pregador de rua bêbado, que queria nos alertar sobre um apocalipse causticante ou vender ingressos para uma luta de boxe – talvez ambos.

– Um trólebus quebrou no Sunset Tunnel. – Um dos estudantes leu no celular. – Acho que vamos ser obrigados a pegar o corujão.

Um resmungo coletivo ecoou do grupo. O temido corujão, o ônibus noturno.

Tarde da noite, quando os trólebus encerram as atividades em São Francisco e a maior parte da cidade está dormindo, os corujões assumem as rotas de superfície. Eu tinha pego o corujão apenas

uma vez, pouco antes do início das férias de verão. Meu irmão mais velho, Heath, tentara me animar – da pior forma possível – com ingressos para uma apresentação com a trilha sonora de *A pequena sereia* (bastões fluorescentes, biquínis de concha) no Castro Theatre. Depois de um jantar tardio em uma lanchonete barata, perdemos o tróibus de sempre. Ônibus noturnos são mais lentos, mais sujos, e cheios de pessoas saindo de festas, casas noturnas e bares – ampliando proporcionalmente as chances de se presenciar brigas e vômitos. Andar de corujão com Heath era uma coisa; arriscar pegá-lo sozinha era outra, principalmente quando ninguém sabia onde eu estava.

É, eu sei. Não foi a ideia mais brilhante do mundo, mas eu não tinha dinheiro para o táxi. Fiquei roendo a cutícula e olhando para a neblina que rodeava o poste de luz, esperando não parecer tão ansiosa quanto me sentia.

Só para constar, eu não devo utilizar transporte público depois das 22h. É o limite científico da minha mãe para evitar crimes violentos. Não é aleatório. Ela é enfermeira e trabalha no turno da madrugada de três a quatro vezes por semana, no pronto-socorro do outro lado da rua (e onde estava naquele exato momento), então sabe exatamente quando as vítimas de tiros começam a chegar. E, embora Heath tenha as mesmas regras de horário, estou plenamente ciente de que as probabilidades de eu ser uma vítima são maiores por eu ser pequena e mulher, e ainda não ter completado 18 anos. Então, é claro, eu podia ser uma vítima fácil segundo as estatísticas. Mas não costumo vagar pela cidade depois da meia-noite, mostrando o

dedo do meio para minha preciosa vida de adolescente. Quero dizer... na verdade não estou correndo um risco *tão* grande. Não era uma parte perigosa da cidade, e eu andava de transporte público desde pequena. Também tinha spray de pimenta e um dedinho nervoso a postos.

Além disso, eu tinha saído escondida por um bom motivo: mostrar minhas ilustrações à professora que coordena o departamento de anatomia e convencê-la a me dar acesso ao Programa Corpo Voluntário. Ao menos esse era o plano original. Mas depois de esperar horas por alguém que nunca apareceu, tudo aquilo parecia mais uma bela perda de tempo.

Enquanto os estudantes de medicina faziam apostas sobre o horário de chegada do ônibus, o Mendigo Will acenou e começou a vir em minha direção. Tudo bem. Seria melhor ter um rosto familiar entre mim e o pregador bêbado; ele estava me deixando nervosa quando exalava fogo em minha direção.

– Ei, cara – Will disse ao se aproximar.

Cara? Antes que eu pudesse responder, ele passou se arrastando por mim como se nem tivesse me visto. Uau. Esnobada por um sem-teto. Minha noite estava ficando cada vez melhor.

– E aí, Willy? – uma voz masculina respondeu com animação.
– Já é bem tarde para você estar trabalhando.

– Os seguranças do hospital estão fazendo a ronda. Só estou esperando eles darem o fora.

Fui vencida pela curiosidade, então me virei para ver quem havia chamado a atenção de Will – um carinha qualquer encostado no poste. Will bloqueava minha visão, então não dava para

ver direito, mas os dois já estavam conversando há um tempo quando Will notou minha presença.

– Garota Triste – ele disse com um sorriso cheio de dentes. É assim que ele me chama, porque acha que sou deprimida. A propósito, eu não sou. Sou apenas agradavelmente taciturna e séria, mas é difícil explicar a diferença para alguém que dorme protegido por um papelão. – Como vai?

– Não muito bem – respondi. – Não tenho nada hoje. – Às vezes dou uns trocados a ele, mas, se tivesse algum dinheiro, já estaria em um táxi a caminho de casa.

– Não se preocupe. Sua coroa garantiu meu jantar mais cedo, quando seguia para o trabalho.

Aquilo não me surpreendia. Talvez fosse seu lado enfermeira, mas minha mãe tinha mania de oferecer comida para todo mundo que aparecesse na frente dela, e era praticamente *obcecada* por sobras. Se fosse maior que um grão de arroz, ou era guardado na geladeira ou virava parte do almoço de alguém ou era distribuído para vizinhos, colegas de trabalho – e agora, aparentemente, para o popular Mendigo Will, que tinha visto outra pessoa conhecida e já estava indo cumprimentá-la, deixando-me abandonada com seu amigo misterioso.

Qualquer um seria melhor que o pregador bêbado. Mas não era qualquer um. Era um garoto.

Um garoto mais ou menos da minha idade.

Um garoto *muito gato*, mais ou menos da minha idade.

Ágil e esguio, ele estava apoiado no poste, tirando uma mecha de cabelos escuros da frente do olho. Vestia preto dos pés à

cabeça, como se fosse o personagem principal de um filme de máfia italiana e estivesse prestes a arrombar um banco: jeans, jaqueta justa, gorro de lã enterrado até os olhos. Luvas pretas cobriam suas mãos e havia uma mochila surrada (provavelmente cheia de explosivos para o cofre do banco) na calçada, junto a seus pés.

Só quando o pregador recomeçou eu me dei conta de que estava olhando fixamente para o garoto. Nós dois, com a senhora do guarda-chuva, ouvíamos o pregador murmurar frases sobre salvação e luz e alguma coisa que eu não conseguia escutar e PUTAS E FERAS E CHAMAS. Santo apocalipse, cara. Meus tímpanos! Agarrei meu portfólio com mais força, mas um segundo depois a falação acabou e ele se encostou na parte de trás do ponto de ônibus, como se fosse dormir.

– Ele não deve conseguir correr muito – o garoto observou em tom conspiratório. Ele tinha chegado mais perto? Porque, nossa, ele era alto. A maioria das pessoas era, vista do meu ângulo aqui embaixo, mas ele devia ter uns trinta centímetros a mais do que eu. – Acho que você ganha dele, se tentar roubar sua pasta. São desenhos?

Olhei para o portfólio como se nunca o tivesse visto antes.

– Sim, desenhos.

Ele não perguntou por que eu estava carregando uma pasta com ilustrações perto do campus da faculdade de medicina. Só parou para pensar e disse:

– Espere, eu vou adivinhar. Nada de natureza-morta, nem de paisagens. Seus olhos céticos dizem pós-moderno, mas suas botas dizem... – seu olhar desceu por minha saia preta e pelo

couro cinza na altura do joelho, cobrindo minhas panturrilhas – ...design de logotipos.

– Minhas botas dizem “ficou plantada esperando por uma reunião com a diretora do laboratório de anatomia”. Era para a doutora Sheridan me encontrar depois da última aula. – A aula ia das 19h às 21h, e depois ainda fiquei esperando um bom tempo, vendo um número cada vez menor de alunos sair do prédio. E mesmo quando ela finalmente ligou para se desculpar, às 23h, dizendo que teve uma emergência familiar, tive a nítida impressão de que era orgulhosa demais para admitir que tinha esquecido. – E meu trabalho não é pós-moderno – acrescentei. – Eu desenho corpos.

– Corpos?

– Anatomia.

Esse é o meu lance. Não sou como aqueles alunos criativos da aula de artes, que fazem saias com sacos de lixo e pintam com cores malucas. Pelo menos não mais. Nos últimos anos, limitei-me a lápis e tinta preta, e só desenhei corpos – velhos ou jovens, masculinos ou femininos, não faz diferença para mim. Gosto da forma como ossos e pele se movem, e gosto de ver como todas as cavidades do coração se encaixam.

E, naquele exato momento, minha mente obcecada por anatomia apreciava como o meu novo conhecido também se encaixava direitinho. Ele era um modelo ambulante para estudo com belas linhas e massa magra, quilômetros de cílios escuros e maçãs do rosto que pareciam fortes o bastante para sustentar seu corpo inteiro.

– Sou aquela pessoa que realmente gostava de dissecar o sapo na aula de biologia – esclareci. Sem querer parecer trágica, mas

aquela informação em especial nunca me rendeu muitos amigos, então não sei bem por que toquei no assunto. Acho que só estava empolgada, como se eu fosse uma criança e aquele garoto fosse um monte de doces.

Ele soltou um assobio baixo.

– Minha turma teve que trabalhar com fetos de porco, mas eu consegui me livrar e fazer minha parte no computador. Por razões filosóficas.

Ele falou aquilo como se quisesse que eu perguntasse quais eram as razões, e eu mordeu a isca.

– Vamos ver... ficou enjoado com os sapos mortos.

– Filosoficamente adverso – ele corrigiu.

– É vegetariano – arrisquei.

– Bem fajuto, mas sou. – Ele apontou para a gola do casaco. Preso a ela, um pequeno broche que dizia: ESTEJA AQUI E AGORA.

Sacudi a cabeça, confusa.

– É minha desculpa filosófica. Zen.

– Você é budista?

– Bem fajuto – ele repetiu. Os cantos de sua boca se transformaram em um quase sorriso. – Por sinal, quanto tempo faz que você dissecou aquele sapo? Quatro anos? Dois anos...?

– Está tentando adivinhar minha idade?

Ele deu um sorriso completo dessa vez, e uma covinha encantadora se formou na bochecha esquerda.

– Ei, se você estiver na faculdade, por mim, tudo bem. Eu curto garotas mais velhas.

Eu? Faculdade? Soltei uma risada aguda e neurótica. Qual era o meu problema? Felizmente, o escapamento barulhento de um furgão abafou minha gargalhada de hiena. Depois que o carro passou, fiz um gesto na direção dele com o tubo de spray de pimenta preso ao meu chaveiro.

– Por que um budista vegetariano está vestido como um ladrão de joias?

– Ladrão de joias? – Ele olhou para si mesmo. – Muito preto?

– Não se você estiver planejando um assalto. Nesse caso, está na proporção ideal, principalmente se tiver uma máscara no bolso.

– Droga – ele disse tateando a jaqueta. – Sabia que tinha esquecido alguma coisa.

A calçada estremeceu sob os saltos das minhas botas. Levantei os olhos e vi o letreiro digital *Linha da madrugada* no para-brisa do ônibus que parava em nosso ponto. Luzes frias e brancas brilhavam das janelas.

– Milagre dos milagres – o garoto murmurou. – O corujão chegou mesmo.

Fiquei na ponta dos pés para ver o que me esperava. Parecia que alguns lugares já estavam ocupados, mas não estava apertado como uma lata de sardinhas. Ainda.

Uma fila já se formava no meio-fio, então me apressei para chegar antes dos estudantes de medicina e do pregador bêbado. O garoto também ia pegar o ônibus? Não querendo parecer óbvia, resisti ao ímpeto de me virar e, em vez disso, peguei meu bilhete. Foi só passá-lo pela leitora na porta e eu já estava lá dentro, com a esperança de não estar sozinha.

2

A PRIMEIRA REGRA A SEGUIR quando se anda de transporte público tarde da noite é ficar perto do motorista, então peguei um lugar bem na frente, em um dos bancos compridos virados para o centro. Esses assentos são reservados para deficientes, grávidas e idosos, mas, como a senhora do guarda-chuva já tinha escolhido o lugar ao lado, não fiquei muito preocupada com isso. Encaixei o portfólio atrás das pernas, passando os olhos rapidamente pelo resto do ônibus para verificar algum outro risco. Para meu grande alívio, não vi o pregador bêbado em canto nenhum.

Mas vi outra pessoa.

Quando as portas do ônibus se fecharam, o gatinho se sentou do outro lado, de frente para mim, e acomodou a mochila no chão, entre os pés. Soltou um suspiro dramático e relaxou no assento antes de fazer um movimento brusco, fingindo estar surpreso em me ver.

– Você de novo.

– Seu alvo parece ficar no meu bairro. Espero que não esteja planejando roubar minha casa. Não temos joias, senhor Ladrão.

– Jack, o Ladrão, me soa bem. Talvez eu deva considerar seriamente essa carreira.

Jack. Será que era mesmo o nome dele? Sob a claridade fluorescente das luzes do ônibus, sombras intensas marcavam os vales de suas bochechas e a fenda abaixo do lábio inferior. Ele passava um ar despreocupado ao conter o sorriso de forma provocativa.

– Você conhecia aquele sem-teto, o Will – eu disse, entrando em modo Sherlock Holmes conforme o ônibus se afastava do meio-fio. – Isso quer dizer que mora perto da Parnassus ou tem alguma ligação com o hospital ou com o campus.

– Vou eliminar uma das opções para você – ele disse. – Eu não moro aqui.

– Huumm. Bem, você não vai para a faculdade de medicina.

– Vamos guardar as críticas. Alguns ladrões de joias podem ter habilidades cirúrgicas.

– Mas você fez aquela observação sobre “garotas mais velhas”, o que significa que está no ensino médio, como eu...

– Como você? A-há! – ele disse todo animado. – Estou indo para o último ano, por sinal.

– Eu também – admiti. – Então... se você não estuda no campus da Parnassus, imagino que conheça alguém que estude, ou trabalhe no hospital. Ou talvez estivesse visitando alguém no hospital.

– Faz sentido, Garota Triste – ele disse. – Espere. Eu não era o único ali que conhecia o Will. Ele disse que sua “coroa” tinha dado

algo para ele jantar, então conhece sua mãe. E como agora você está preocupada que eu possa ladroar sua casa...

– *Ladroar*? Acho que essa palavra não existe.

– É claro que existe. Eu sou o ladrão aqui, lembra? – ele afirmou, erguendo uma mão enluvada. – Bem, você e sua mãe podem conhecer o Will, mas você também não mora perto do hospital. Inner ou Outer Sunet?

– É – eu disse, evitando dar a resposta certa.

Sem se deixar intimidar, ele tentou outra abordagem.

– Você não chegou a dizer por que ia se encontrar com a diretora do Departamento de Anatomia que não apareceu. Está tentando arrumar um estágio, ou...

– Não, só estava tentando conseguir uma autorização para desenhos de cadáveres.

Ele apertou um dos olhos.

– Está falando dos defuntos?

– Corpos doados para a ciência. Quero ser ilustradora médica.

– Tipo... fazer os desenhos para os livros?

Confirmei com a cabeça.

– E para empresas farmacêuticas, pesquisa médica, laboratórios... é superconcorrido. São só cinco programas de especialização credenciados e, para entrar neles, qualquer vantagem que puder conseguir é válida. Alguns museus da cidade vão financiar um concurso de desenho para estudantes no fim de julho, e eu quero ganhar. Além do dinheiro para uma bolsa de estudos, essa vitória cairia muito bem nos formulários de inscrição para a faculdade.

– E desenhar corpos de pessoas mortas vai te ajudar a ganhar.

– Desenhar corpos *dissecados* vai.

Ele fez cara feia.

– Da Vinci desenhava cadáveres – afirmei, usando o mesmo argumento que não tinha servido para conquistar a aprovação de minha mãe quando anunciei minhas intenções de seguir os passos do pintor italiano. – Michelangelo. Os painéis da Capela Sistina estão cheios de pinturas ocultas de anatomia. Olhando com atenção para o manto cor-de-rosa atrás de Deus em *A criação de Adão* – sabe aquela imagem em que Deus está com o braço esticado para que seu dedo toque o de Adão? –, o manto tem, na verdade, o formato de um cérebro humano.

– Uau. Você não estava brincando quando falou do sapo, não é?

– Não. – Cocei a parte de trás da cabeça. Os grampos que seguravam um emaranhado de tranças em minha nuca estavam me dando coceira. – Eu só quero desenhar cadáveres quando o laboratório fechar. Não estaria perturbando nem atrapalhando ninguém. Mas agora vou ter que voltar na quarta-feira, depois da aula da professora. Com sorte, ela vai aparecer dessa vez. – Será que eu estava falando demais? Não sabia ao certo, mas não conseguia parar. Eu falo mais que a boca quando estou nervosa. – Pelo menos, da próxima vez não vou arriscar a vida no corujão conversando com garotos desconhecidos.

– Vale a pena arriscar para se sentir vivo.

– A sensação de estar vivo é só uma onda de adrenalina.

Ele riu e ficou me olhando por um instante.

– Você é uma garota interessante.

– Diz Jack, o ladrão de joias vegetariano e budista.

Aquele sorriso malandro era de um perigo mortal.

Sabe, sempre achei que era muito boa de paquera, e que os garotos que eu paquerava é que simplesmente não eram bons paquerados. Jack, no entanto, era um excelente paquerado, e minha estratégia estava dando muito certo esta noite. Ele desviou os olhos para minhas pernas cruzadas... especificamente para os poucos centímetros de joelho à mostra entre a saia e a bota.

Droga. Ele estava mesmo me examinando. O que eu devia fazer? Terra para Beatrix: esse era o ônibus noturno, não uma música do Journey. Não eram dois estranhos em um trem, à meia-noite, indo para qualquer lugar. Eu estava indo para casa, e ele provavelmente ia assaltar uma loja de bebidas.

Quando se tratava de romance, às vezes eu me convencia de que era amaldiçoada. Não entenda mal: não sou uma dessas meninas que pensa: “Pobre de mim, sou tão sem graça que nenhum menino nunca vai me olhar”. Os garotos olhavam (como agora). Alguns até ficavam encarando (sério, como agora *mesmo*). Mas, quando me conheciam – ou viam minha excêntrica arte médica – as coisas normalmente davam errado.

Estranha demais para os atletas, não estranha o bastante para os hipsters. Eu não era excêntrica, nem geek, e isso me deixava encalhada em um território sem homens. Não me importava em não me encaixar – sério, não liguei nem mesmo quando alguém escreveu “Mortícia Adams” no meu armário. Bem, para começar, mesmo que a gente tenha o sobrenome mais ou menos igual, o da Mortícia se escreve com dois Ds. Duvido que a pessoa que

vandalizou meu armário tivesse capacidade cerebral para saber a diferença. Não importa. Em segundo lugar, eu parecia mais com a filha da família Addams, Vandinha – a garota apática das bonecas sem cabeça – do que com a Mortícia. Principalmente por causa do cabelo. Eu estava sempre de tranças, e conheço mil e um penteados peculiares, dos coques da princesa Leia, passando por mocinha suíça até deusa grega. Ou a obra-prima de hoje: princesa medieval moderna.

Mas o engraçado é que eu realmente gostava do *A Família Addams*, então a pessoa que me deu aquele apelido na verdade não feriu meus sentimentos. Eu certamente não perdi o sono por isso. E também não sou totalmente desprovida de traquejo social. Tenho um par de amigas (e por “um par” quero dizer exatamente duas, Lauren e Kayla, as quais estavam passando o verão juntas em um canto mais quente do estado). E tive um par de namorados (e por “um par” quero dizer que namorei Howard Hooper por dois meses e Dylan Norton por duas horas, durante uma festa antibaile de formatura, no porão da Lauren).

Então, certo. Minha agenda não estava exatamente cheia, e eu não podia usar vestidos pretos na escola sem as pessoas ficarem atrás de mim perguntando onde estava o Gomez. Mas imaginei que poderia deixar tudo isso para trás na faculdade, onde poderia me reinventar como uma sofisticada estudante de artes plásticas, cheia de sagacidade e com uma inexplorada *joie de vivre*. Minha conversa infinita sobre pele e ossos seduziria o coração de algum professor malandro (que quase sempre tinha sotaque britânico e também era ex-nadador olímpico – mas só pelo corpo),

e nós poderíamos fugir juntos para alguma ilha quente e incrível do Mediterrâneo, onde eu me tornaria a ilustradora médica mais célebre do mundo.

Nesse devaneio, eu era sempre mais velha e mais inteligente, e sempre fazia sol. Mas cá estava eu, em uma noite fria e enevoadada, sentada em um ônibus noturno e sentindo... sei lá. Sentindo que talvez não precisasse esperar até o último ano para chegar a uma ilha de fantasia do outro lado do ensino médio.

Talvez eu pudesse seduzir um garoto perigosamente lindo dentro de um ônibus, naquele exato momento. Ele levantou os olhos e olhou nos meus. Ficamos nos encarando.

Encarando. E encarando...

Um calor estranho f piscou em meu peito e se espalhou por minha pele. Devia ser contagioso, porque duas manchas rosadas apareceram em seu rosto, e eu nunca tinha visto um garoto como ele corar. Não sabia o que estava acontecendo entre nós, mas, sinceramente, não ficaria surpresa se o corujão pegasse fogo, desviasse da estrada e explodisse em um inferno ardente.

O ônibus fez várias paradas, e não paramos de nos encarar. Meu eu mais velho e mais espirituoso estava a um segundo de saltar para o outro lado e me jogar sobre ele, mas meu eu verdadeiro era muito racional. Ele finalmente rompeu o silêncio e disse com uma voz suave, atrevida:

– Qual é o seu nome?

A senhora do guarda-chuva fez um ruído baixo. Franziu a testa de uma maneira reprovadora que colocava a cara feia da minha mãe no chinelo. Será que estava nos observando o tempo todo?

– Merda. – Jack puxou a corda amarela perto da janela e se debruçou sobre a mochila. Irving e Ninth. Uma parada popular. A minha ainda ficava a várias quadras de distância, o que significava uma coisa: minha fantasia no ônibus noturno estava chegando ao fim. O que devia fazer? Ignorar o alerta da senhora do guarda-chuva e dizer meu nome a ele?

O ônibus parou de repente. A mochila de Jack tombou de lado. Alguma coisa saiu rolando de uma abertura no zíper e bateu na ponta das minhas botas.

Uma lata de tinta spray especial, com tampa em dourado metálico.

Peguei-a do chão e fiz uma pausa. O modo como ele ficou todo tenso e entortou a boca equivalia a uma placa de neon em sua cabeça, piscando: CONSTRANGIDO! CONSTRANGIDO!

Estendi a mão com a lata. Ele a enfiou na mochila, que jogou sobre um só ombro.

– Boa sorte com seus desenhos de cadáver.

Minha resposta se perdeu sob os registros de manchetes recentes dentro de minha cabeça. Só me restava observar em silêncio seu corpo comprido se esgueirar nas sombras quando a porta fechou e o ônibus saiu.

Eu sabia quem ele era.